



2013/0

Toronto

Toronto é uma metrópole de cinco milhões de habitantes – a maior do Canadá. Está assentada numa área que começou a ser ocupada por europeus por volta de 1600. Franceses e, com destaque, jesuítas realizaram missões no território em que ela se desenvolveu e que foi motivo de disputas durante muito tempo. Por fim, essas terras ficaram nas mãos de colonizadores de origem inglesa, que vieram dos Estados Unidos e as ocuparam. Por esta razão, os moradores da Província de Ontário são anglofônicos, embora por aqui, comparativamente a Vancouver, ouve-se nas ruas muita gente se comunicando em francês, e informações, cardápios, mapas e guias estão sempre nas duas línguas.

É uma cidade que transpira modernidade, sem deixar de ter um charme da tradição, representada pela área do Parlamento e da Universidade, que é composta por edifícios do século XIX, sólidos e monumentais, misturados aos prédios mais recentes. A primeira foto que incluo é a do Parlamento. Em volta desta bonita edificação, há duas alamedas semicirculares (formando, aproximadamente, um 8), ao longo das quais estão dispostos os prédios dos diferentes departamentos de ensino e pesquisa da University of Toronto. Nestas vias há, nos postes, grandes flâmulas homenageando os melhores professores e pesquisadores do ano letivo 2012-2013. O exemplo da foto é relativo ao prêmio inovação, mas havia outros tantos. Ela está ao lado da foto de um dos prédios modernos da universidade. Nesta sequência, por último, a perspectiva tomada é de quem fica de costas para a grande edificação do legislativo e vê o centro moderno ao longo da University Avenue, que é a via principal e chega quase até a área do porto.





Toronto se parece uma cidade estadunidense. Lembra Cleveland, para citar um exemplo, até porque ambas se situam às margens de um dos Grandes Lagos. Cleveland tem sua localização associada ao Lago Erie e Toronto é a grande cidade do Lago Ontário e a capital da província de mesmo nome.

Na permanência aqui, o que mais chama atenção é a energia econômica que a cidade denota. O número de grandes sedes de bancos, os enormes prédios empresariais, a vitalidade da construção civil e o intenso movimento de carros e pessoas mostram que os negócios vão bem e, nisto, a impressão que se tem é muito diferente da que tivemos nos Estados Unidos há três anos. No centro expandido da cidade, havia guias e canteiros de obras, em todas as quadras, como mostram as duas fotos.



Parece que não há crise por aqui, embora isso não signifique que não haja desemprego. Esta é uma das faces da globalização: pode se ter a economia com bons indicadores, mas há gente sem trabalho, até porque há crescente incorporação de tecnologia na produção de bens e serviços. Nas ruas de Toronto, vez ou outra, alguém te aborda para pedir uns “trocados” (change), como se diria no Brasil. Não são, no entanto, mendigos, pois não estão vestidos como maltrapilhos; na maior parte dos casos são jovens e brancos, porque os descendentes de imigrantes estão todos trabalhando arduamente, nas tarefas menos atrativas para os canadenses. São eles que vimos dirigindo ônibus e táxis, limpando ruas, servindo nos balcões dos cafés e andando com cachorros ou crianças, como *baby* ou *petsitters*.

É uma cidade cosmopolita, pois se vê, nos traços étnicos dos que circulam, gente vinda de várias partes do mundo e se ouve, nas ruas, muitas línguas sendo faladas. Se, em Vancouver, era hegemônica a presença chinesa, em Toronto há imigrantes e descendentes de várias origens, além dos que vieram do país da Grande Muralha: japoneses, indianos, paquistaneses. Fazendo turismo, há os oriundos dos Estados Unidos (logo se vê pela deselegância extravagante, que marca este povo), mas aqui e ali, ouve-se o francês, o alemão e, até, o português do Brasil.

Esta diversidade étnica e cultural está muito patente na culinária de Toronto. Há restaurante de todo tipo e para todo gosto. Em número, os chineses e japoneses

ganham longe, mas a cozinha italiana se destaca, comparativamente ao que se observou na Costa Oeste. Estivemos no Mercado, um restaurante bar, que tem um ambiente muito simpático no centro da cidade, onde Eliseu tomou aquela cerveja e eu experimentei um vinho rosé que é muito apreciado aqui no verão. Na parede do restaurante estava a famosa frase dos Beatles adaptada ao contexto: ***All we need is love and wine!***



A cada 500 metros há um restaurante indiano e os *pubs* estão por todo lado; afinal, são típicos da Comunidade Britânica e estamos em terras em que reina Elisabeth II, figura muito considerada aqui no Canadá, país parlamentarista.

Em sua área urbana mais importante, Toronto tem o que se conceituaria como uma divisão técnica do espaço bem marcante. Às margens do lago, ao sul da cidade, está uma zona nova, que resulta de uma série de esforços de revitalização da faixa em que, outrora, exerciam-se atividades portuárias tradicionais. Hoje, há muitos *decks* que dão acesso às pequenas baías artificiais onde estão atracados caiaques, barcos, lanchas e pequenos iates, mostrando que a água tem um papel importante no lazer dos moradores da cidade. Toda esta faixa, que corresponde à área rosada da planta da cidade que insiro neste diário, está entre a Front Street e o lago. Ela está ocupada por grandes prédios modernos edificadas para fins residenciais, praças, pequenos parques e o embarcadouro de onde sai o transporte coletivo por barcos, que leva ao pequeno arquipélago, nomeado Toronto Islands, onde há clubes, parques e um aeroporto para aeronaves não muito grandes, cuja situação da pista, rodeada pela água, lembra bastante o de Santos Dumont, no Rio de Janeiro. Este aeroporto pode ser visto numa das fotos que estão nas páginas seguintes.

Na porção leste-sudeste, sombreada de turquesa, está a Old Town, como eles chamam, o que seria o sítio histórico da cidade. É o setor onde se originou a cidade e estão as construções mais antigas, como o primeiro prédio dos correios, uma antiga fábrica de cervejas, o grande mercado, entre outras, como a Saint-James Cathedral. Hoje toda esta zona da cidade, pouco verticalizada, tornou-se um distrito de lazer, com vários bares, restaurantes, casas noturnas, algumas ocupando antigos armazéns, outras instaladas onde outrora deviam ser residências. A função de moradia permanece mesclada a todas as outras, com algumas residências maiores, pequenas vilas de casas pequenas ou prédios de apartamento de poucos pavimentos.

Apesar de a cidade antiga ser, hoje, um centro de lazer, como acabei de registrar, o setor que leva o nome de Entertainment District está mais a sudoeste em nosso mapinha, colorido em roxo, e corresponde a toda uma área moderna, com grandes edifícios, onde está a CN Tower, cuja foto está na capa desta seção do “diário do Canadá”. Há teatros, centros de atividades e de artes, muitas áreas para se permanecer como espaços públicos muito bem “aménagés”, como diriam os franceses. Há vários grandes hotéis nesta área, inclusive pela sua proximidade da grande estação ferroviária, onde desembarcamos vindo de Vancouver e de onde saem linhas para várias cidades de toda a porção leste do país e para os Estados Unidos. De fato, o transporte ferroviário tem uma importância muito grande na circulação interurbana do Canadá, embora, pelas

rodovias, haja muito carros circulando, o que mostra que este modal também tem peso na circulação interurbana, como os aviões, suponho, devem ter num país tão grande.



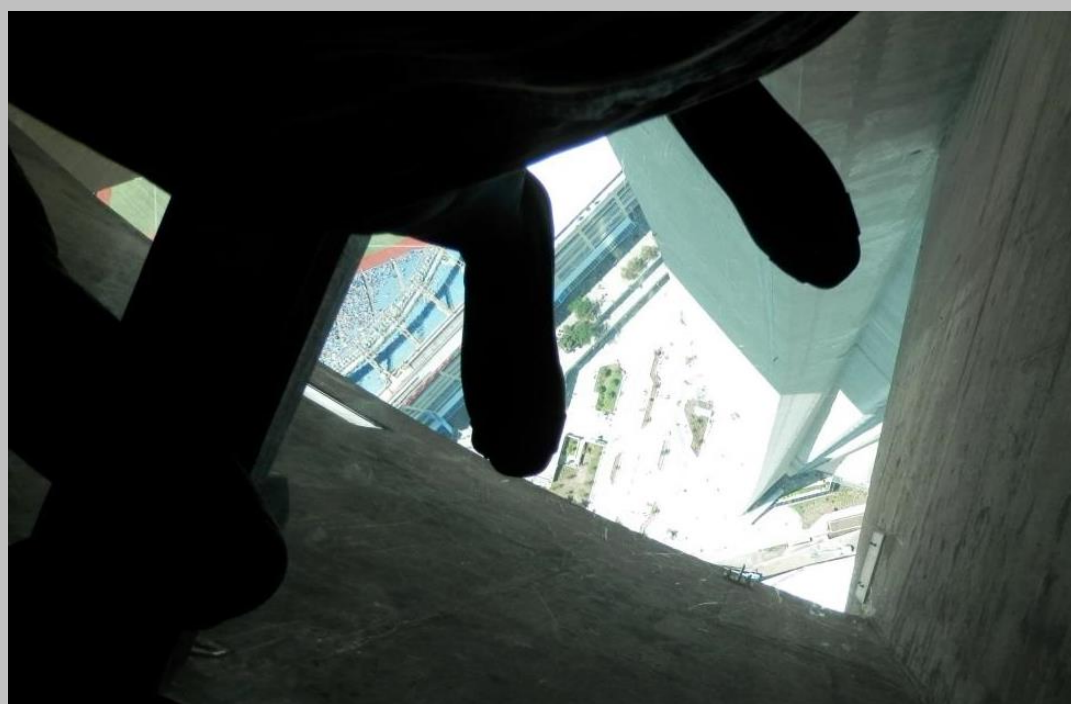
A visita à CN Tour foi muito boa. Acatamos a sugestão da jovem que conhecemos no trem e optamos pelo almoço do restaurante que há na torre, cujo nome é sugestivo: “360°”. O almoço é muito bem servido e durante a refeição o piso, onde estão as mesas, completa uma volta inteira e possibilita que façamos registros fotográficos

de todos os cantos da cidade. Recomendo este passeio a quem for visitar Toronto. Todo o ambiente da torre é cercado por praças e gramados que estão cheios de gente na manhã de domingo em que aqui estamos.

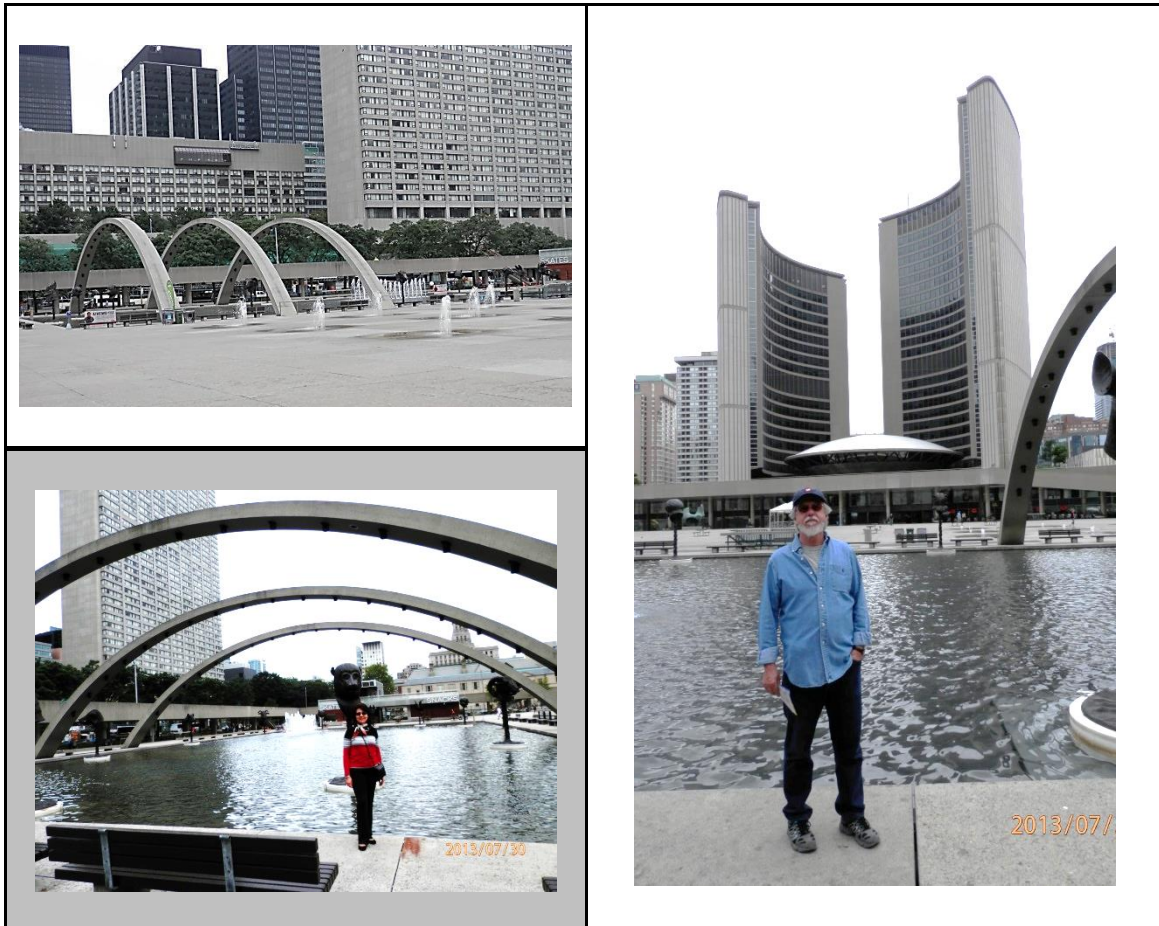




Além de aproveitar as maravilhosas vistas, fomos ao andar em que está o “piso de vidro” (glass ground), onde todos temem, mas adoram pisar para registrar as fotos mais pitorescas: há os que fingem que estão caindo, os que encenam medo, os que começam a pular sobre o vidro.. há gente, como nós, que timidamente ousa ficar sobre este piso que parece nos deixar soltos no ar. As fotos não são suficientes para mostrar a sensação que sentimos, pois não se registra a altura em que estamos.



Ocupando posição bem central, está a bonita edificação da City Hall, composta por dois prédios em semicírculo, um virado para o outro, com alturas diferentes. Na sua frente há uma grande praça, com uma lâmina d'água e com pequenas fontes. É um espaço público que é famoso, que eu já tinha visto em filmes e fotos, porque no inverno é muito usado para patinação, porque a água fica completamente congelada. Agora, no verão, há algumas pessoas com skate e outras apenas circulando.



O comércio mais importante está na área colorida de amarelo no mapa. Neste setor estão os grandes magazines, as marcas nacionais e as internacionais de maior difusão. Ao contrário do que ocorreu no Brasil, no Canadá, como também notamos nos Estados Unidos e em países europeus como a França e a Espanha, a construção de *shopping centers* não gerou o desaparecimento das grandes lojas de departamentos. No caso brasileiro, Sears, Mappin e Mesbla, para citar três exemplos, resistiram pouco à ampliação do número de *shopping centers*. Por aqui não, elas são muito importantes e ocupam grandes áreas e são de vários pavimentos. As grandes marcas (Lacoste, Gucci, Helfiger etc) têm seus espaços dentro destes magazines, mas há algumas que têm suas lojas individuais nos eixos comerciais mais importantes, como a estadunidense Gap

ou a espanhola Zara. O movimento em todo este setor da cidade impressionou, tanto pelo número de pessoas circulando pelas ruas, como pelo trânsito de carros e ônibus.

Outra área bem distinta em Toronto é Chinatown, que está no lado oeste do mapa, em vermelho. Não chegamos a circular a pé por lá, mas passamos de carro pelas duas ruas principais. O número de pessoas que andavam pelas calçadas, a diversidade de atividades comerciais e de serviços e a presença de um terciário voltado a segmentos de menor poder aquisitivo foi o que mais chamou atenção neste setor da cidade.

Por fim, para tratar ainda do que se poderia chamar de o centro expandido de Toronto, há Yorkville, que está em laranja no mapa, no norte da área institucional ocupada pelo Parlamento e pela Universidade. Ali há um comércio um pouco mais sofisticado de pequenas lojas, boutiques, galerias de arte, restaurantes, barzinhos e muitos outros lugares charmosos. Percorremos calmamente a Cumberland Street e tomamos um delicioso sorvete.

Um ponto alto de toda a área norte deste centro expandido é o Royal Ontario Museum, que fica entre o setor da universidade e Yorkville. Ele foi instalado originalmente num prédio antigo, pertencente à universidade, porque tem início com um acervo de arqueologia e etnologia, mas se expandiu por meio de um anexo super moderno. Segundo as informações contidas na Wikipédia, este museu foi inaugurado em 1914 e se expandiu três vezes (1933, 1978 e 2005), sendo que, na última vez, teve o projeto do arquiteto estadunidense Daniel Libeskind, que “acoplou” à edificação antiga, enormes vértices de vidro, que parecem próteses pós-modernas e que se destacam na paisagem urbana.



Hoje, o museu tem um acervo muito grande, que pudemos ver pelo catálogo e pela boutique onde algumas réplicas são comercializadas porque não chegamos a tempo de fazer a visita completa. Aliás, este ponto chama atenção no Canadá: muitas atividades, mesmo sendo verão, param de funcionar às 17h, o que, para nós do hemisfério sul, sempre soa estranho porque o sol está forte e só anoitecerá por volta de 22h.

O percurso em Toronto foi bom e, depois Eliseu, conferindo no google.maps, contou que andamos a pé, num só dia, 11 km nesta cidade.

Durante todo o tempo, vimos o quanto o espaço público é usado e não me refiro à presença dos turistas, mas dos cidadãos mesmos. Por todo lado, os ambientes são preparados para a vida cotidiana e se sente que o canadense, aqui como em outras cidades, valorizam este modo de estar na cidade e vivê-la. É bastante provável que minha opinião esteja sendo influenciada pelo fato de ser verão e, aqui, afora estes três meses do ano, o frio é intenso.

Fazendo um paralelo, lembro-me que, na Suécia, quando lá estivemos, as temperaturas estavam baixas (outono) e as ruas estavam cheias, por isso suponho que aqui este uso possa ser intenso mesmo além do verão. É provável que imagens, como as que insiro abaixo, tenham tons mais cinzas mas sejam também o conteúdo da vida pública expresso no espaço urbano: o anúncio sobre a fala do artista *designer* e escultor Ai Weiwei, perseguido e preso pelo governo chinês por suas críticas; o homem que protesta contra Obama segurando seus cartazes numa esquina de movimento, gente que aproveita o sol para brincar de trem, gente que aproveita a sombra e gente que limpa os vidros dos edifícios monumentais, como se estivesse brincando de escalar, com um habilidade que impressiona.





Julho de 2013

Carminha Beltrão